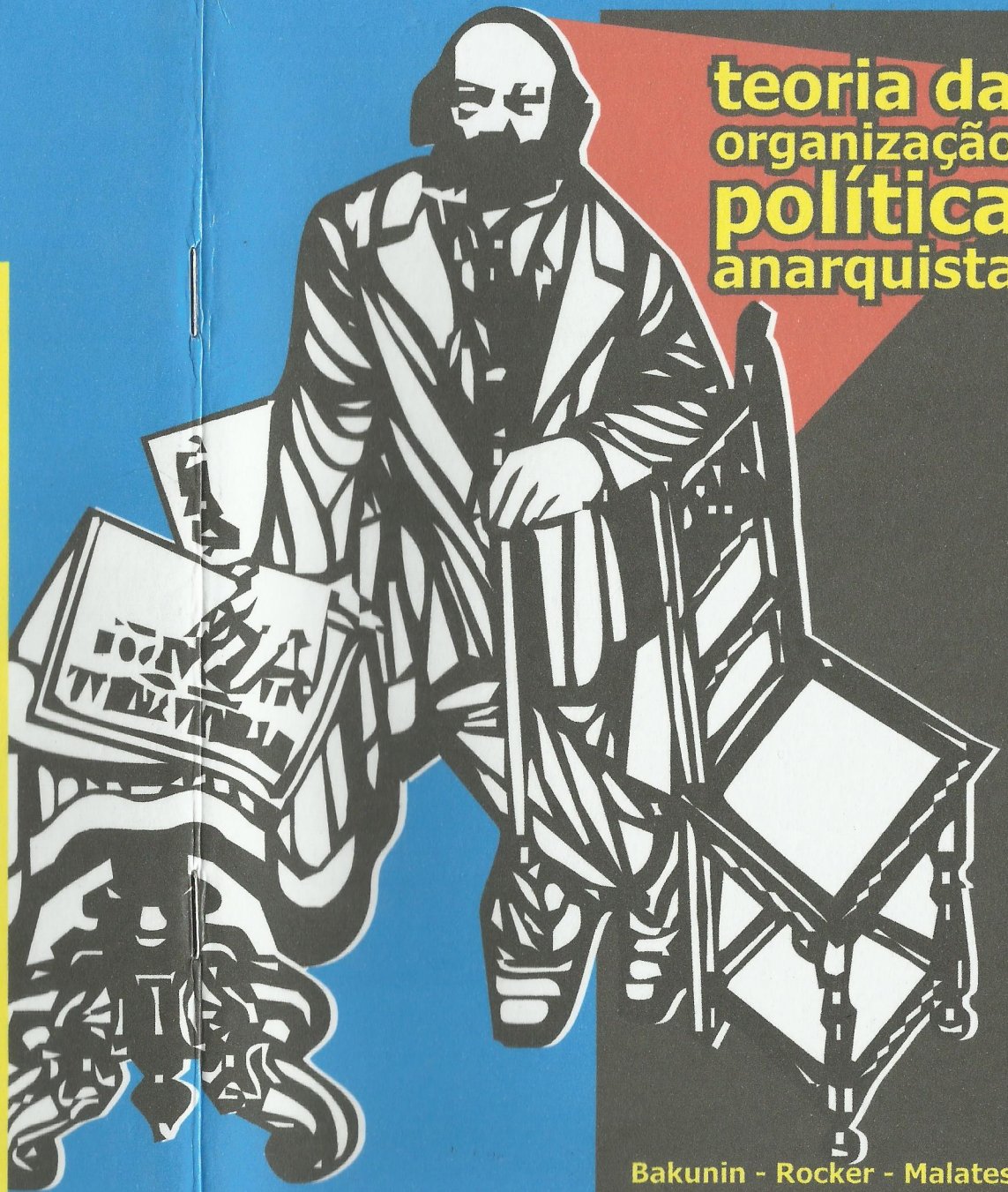
Não pode e não deve ser dos nossos senão o que é capaz de, individualmente, imergir completamente na solidariedade fraternal e na ação coletiva dos aliados – não para se tornar um escravo, mas pelo contrário, para se retemperar nela e para se reencontrar forte, livre, inteligente, pela força, pela liberdade, pela inteligência e pela assistência, sempre ativa e sempre presente, de todos.



teoria da organização política anarquista

Bakunin - Rocker - Malatesta
Makhno - Fabbri - Durruti - FAU
Berneri - Oiticica - Vasco

Projeto de capa
FAG

Impressão
Editora Deriva

Edição
FAG / Comissão de Publicações

Sobre a publicação
Este material é uma seleção de textos e artigos
do pensamento político anarquista
para fins de estudo e propaganda
e é livre para reprodução.

Editora Deriva
deriva.com.br

Federação Anarquista Gaúcha
federacaoanarquistagaucha.org

Impresso em 2013. 1° edição.
Porto Alegre, RS, Brasil.

Sumário

Anarquismo e organização.....pág. 07

Federalismo para unir e criar força coletiva.....pág. 15

Organização específica.....pág. 21

Ideias e valores que formam um estilo militante.....pág. 28

Luta pública, polêmica e propaganda.....pág. 30

Unir-se pela luta.....pág. 35

Linha combativa que não envereda pelo reformismo.....pág. 37

Tática e disciplina libertária.....pág. 39

Ação direta em todos os níveis.....pág. 41

APRESENTAÇÃO

Esta publicação é uma obra para favorecer o contato do público com a formação histórico-social do anarquismo e sua organização política. Muita confusão, engano e caricatura tem sido plantada nesse terreno. O trabalho está inserido dentro do critério que consideramos mais rigoroso. Senta suas raízes socialistas e tudo o que implica filosofica e politicamente dentro do contexto das lutas operárias revolucionárias contra o capitalismo.

Desde o berço o anarquismo participa de elaborações teóricas que eram patrimônio de todo o campo socialista, mas faz avançar sua crítica à relações de poder e estruturas dominantes que lhe deram identidade própria. Como prática política radicada em um setor do movimento operário internacional imprimiu uma orientação militante que procurava guardar relação com vias antiburocráticas e antiautoritárias de chegada ao socialismo. Atravessou distintas e cambiantes conjunturas históricas que lhe condicionaram variantes no tático-estratégico. Também sofreu a deriva dogmática de quem elevou a princípios o que só eram táticas que respondiam a uma contingência da luta.

O ensaio de Rudolf Rocker "Anarquismo e Organização" que selecionamos e traduzimos aqui nos dá um ponto de partida fundamental. Tem o mérito de dissipar a poeira e deixar patente que a formação ideológica anarquista esta vinculada histórica e socialmente ao mundo dos de baixo, dos oprimidos, explorados, seus dramas, experiências e projetos de emancipação.

A seleção que vem a seguir convida a todos/as a viajar pelo rico acervo do pensamento político libertário. Trazemos para o leitor o aporte e a experiência de velhos militantes e organizações anarquistas que no curso das lutas populares do seu tempo conformaram nosso referente político-doutrinário. Desde esse marco nossa corrente *especifista* vai conceber a organização: das massas em luta de classe contra o sistema capitalista; e dos anarquistas, como um grupo de ação finalista revolucionária, vinculado aos conflitos específicos concretos do movimento operário e ao projeto socialista de federalismo e autogestão. Escrevendo muitas vezes em tom de polêmica, promovendo o debate, sugerindo proposições e tomando critérios de trabalho no calor dos combates, trata-se de uma compilação de recortes tematizados dos nossos clássicos e das formulações que verteram no *especifismo*.

Boa leitura!
Comissão de Publicações
FAG

ANARQUISMO E ORGANIZAÇÃO.

O homem é acima de tudo uma criação social na qual a espécie inteira trabalha, pausadamente, mas sem interrupção, e da que sempre vai tomando novas energias, celebrando a cada segundo sua ressurreição. O homem não é o descobridor da convivência social, mas seu herdeiro. Recebeu o instinto social de seus antepassados animais ao transpassar o umbral da humanidade. Sem sociedade o homem é inconcebível. Sempre viveu e lutou dentro da sociedade. A convivência social é a pré-condição e a parte mais essencial de sua existência individual, mas também é a pré-forma de toda organização.

As formas da convivência humana não são sempre as mesmas. Se transforman com o correr da história, mas a sociedade fica e obra incessantemente sobre a vida dos indivíduos. Quem se encontra habituado a girar sempre na mesma esfera de representações abstratas seguramente poderia arrancar o indivíduo dessas incalculáveis relações que o atam a multidão, mas o resultado de tal operação *científica* não seria o homem mas sua caricatura, um ente pálido sem carne nem sangue, que somente levaria uma vida espectral no mundo nebuloso do abstrato, mas que nunca será encontrado na vida real.

Proudhon já havia concebido exatamente e em sua Confession d'un Révolutionnaire faz a seguinte observação:

> *"Consideradas desde o ponto de vista social, liberdade e solidariedade são dois conceitos idênticos. Encontrando a liberdade de cada um, não um impedimento na liberdade dos demais, como diz a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1793, mas um apoio, o homem mais livre é o que maiores relações tem com seus semelhantes."*

O anarquismo, o eterno contrário de todos os monopólios, científicos, políticos e sociais, combate o Estado como protetor de monopólios e inimigo feroz de todas as relações diretas e indiretas dos homens entre si, mas nunca foi inimigo da organização.

Corrente libertária do socialismo

A maioria dos escritos burgueses e socialistas estatais que até agora se ocuparam da crítica do anarquismo, não reconheceram o profundo caráter básico da doutrina anarquista, porque somente dessa maneira se pode explicar o contraste

artificial entre anarquismo e socialismo, absurdo e infundado, que aqueles pretenden marcar. Para esta clasificação singular se basearam principalmente sobre Stirner, sem considerar que sua obra não teve a menor influência sobre a origem e a evolução do verdadeiro movimento anarquista. A obra de Stirner "O único e sua propriedade" apareceu em 1845 e ficou completamente relegada ao esquecimento. Noventa e nove por cento dos anarquistas não tiveram a menor idéia desse filósofo alemão e de sua obra, até que por volta de 1890 o livro foi desenterrado na Alemanha e desde então foi vertido em diversas línguas. E ainda desde então a influência das ideias de Stirner sobre o movimento anarquista nos países latinos, onde as teorias de Proudhon, Bakunin e Kropotkin durante dezenas de anos tiveram sua influência decisiva nos extensos círculos da classe operária, foi bastante ínfima e nunca aumentou. Em certas esferas de intelectuais franceses, que naquele momento flertavam com o anarquismo, e dos quais a maioria passaram já faz tempo ao outro lado das barricadas, a obra de Stirner fez um efeito fascinador, mas a imensa maioria dos anarquistas de lá nunca tiveram contato com ela.

A nenhum dos primeiros teorizadores do anarquismo teria ocorrido sequer, que chegaria um dia em que os apelidariam de a-socialistas. Todos eles se sentiam socialistas, porque estavam profundamente compenetrados do caráter social de sua teoria. Por esta razão se chamavam com mais frequência revolucionários ou em contraposição aos socialistas estatais, socialistas anti-autoritários; recém mais tarde o nome de anarquistas se fez natural entre eles.

A influência de Proudhon sobre as associações operárias francesas é geralmente conhecida. Não é aqui o lugar de ocupar-se detalhadamente na história desse movimento sumamente interessante, que sem dúvida representa um dos mais admiráveis capítulos da grande luta do Trabalho contra a força exploradora do regime capitalista.

Os inumeráveis admiradores que Proudhon captou entre a classe trabalhadora, foram todos partidários convencidos da organização. Foram o elemento mais importante que originou a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores e as primeiras fases evolutivas da grande união operária estiveram completamente sob sua influência espiritual.

Formação histórico-social do anarquismo

Mas todos estes esforços que acharam sua expressão nas organizações dos mutualistas, como se chamavam os partidários de Proudhon, podem considerar-se como precursores e o começo do movimento anarquista que recém se inicia no período da Internacional, e sobre tudo quando a influência de Bakunin e seus amigos é mais reconhecida nas federações dos países latinos. O mesmo Bakunin

foi em toda sua vida um fervente defensor da ideia de organização e a parte mais importante de sua atividade na Europa consistia em seu desejo inquebrantável de organizar os elementos revolucionários e libertários e prepará-los para a ação. Sua atividade na Itália, a fundação de sua Aliança, sua portentosa propaganda nas filas da Internacional teve sempre como aspiração de seu pensamento aquela finalidade.

Até seu último alento foi Bakunin um fervente defensor da organização, e estava tão compenetrado de sua necessidade, que não esqueceu de recordá-lo uma vez mais em sua sensível carta de despedida aos irmãos da Federação do Jura, pouco depois do Congresso de Genebra em 1873, uma carta que pode considerar-se como testamento a seus amigos e colaboradores:

> *"O tempo já não pertence as ideias mas as ações e execuções. Hoje, o essencial é a organização das forças proletárias. Mas essa organização deve ser obra dos mesmos proletários. Se eu ainda fosse jovem me instalaria em um bairro operário, onde, participando na vida laboriosa de meus irmãos, os operários, teria ao mesmo tempo participado com eles na grande obra da organização."*

Nesse sentido conceberam os anarquistas do período de Bakunin a organização e trataram de verificar o que conceituaram prático. Neste sentido obraram nas federações e seções da Internacional, frutificando-la com suas ideias. Organizaram os trabalhadores em seções locais de propaganda e em grupos por ofício. As sociedades e os grupos locais estavam aderidos as uniões regionais e estas as organizações nacionais, as que por sua vez estavam ligadas umas as outras na grande união da Internacional.

Conjuntura repressiva e variação tático-estratégica

O mencionado caráter do movimento se transformou paulatinamente depois da guerra franco-alemã e sobre tudo depois da espantosa caída da Comuna de Paris. O triunfo da Alemanha e da política de Bismark originou na Europa um novo fato histórico de que não pode se livrar mais. A aparição no centro da Europa de um Estado militar-burocrático equipado com todos os meios de poder influiu inevitavelmente no desenvolvimento da reação geral que levantou então cabeças por todas as partes. Em efeito, também isso foi a causa. O centro do movimento operário europeu foi lançado da França para a Alemanha contribuindo ali ao desenvolvimento do movimento social-democrata, o que no transcurso de sua atividade influiu resolutamente, salvo poucas exceções, nos demais países. Dessa

maneira, de um lado nasceu o período infortunado, em que a Europa cada vez mais caía como vítima da militarização geral que partia da Alemanha, enquanto que do outro lado do movimento operário em geral, sobre a contínua influência da florescente social-democracia alemã, se fundia cada vez mais num desesperado possibilismo.

Nos países latinos onde a ala libertária da Internacional tinha a mais forte influência no princípio do sétimo decênio (do século XIX) se desencadeou uma reação selvagem. Na França, onde os melhores e mais inteligentes elementos do movimento operário encontraram a morte na horrenda caída da Comuna, ou foram desterrados a Nova Caledônia, se não lograram fugir ao estrangeiro e levar lá a vida conturbada e apenada do refugiado, foram reprimidas todas as organizações operárias pelo governo e a imprensa revolucionária foi proibida. Outro tanto se repetia dois anos mais tarde na Espanha depois da repressão sangrenta do movimento cantonalista e a capitulação da Comuna de Cartagena. Instantaneamente foi suprimido todo o movimento operário e toda notícia pública do movimento revolucionário durante anos foi impossível. Na Itália se provocava os membros da Internacional como se fossem bestas selvagens, e a propaganda pública se fez tão difícil, obrigando assim a se recorrer às organizações secretas pelas que estavam mais inclinados que os camaradas de outros países devido a suas velhas tradições das sociedades secretas dos Carbonários e os Mazzinianos.

Dessa maneira, devido as atrozes perseguições que devia suportar o movimento anarquista, durante longos anos, desapareceu da vida pública nos países latinos, vendo-se obrigado a criar um refúgio nas sociedades secretas. Como o período de reação durou mais do que achava a maioria, o movimento adquiriu lentamente uma nova psicologia, que foi fundamentalmente distinta de seu anterior caráter. Os movimentos secretos são certamente capazes de desenvolver, em seu círculo limitado, um grau superior de disposição ao sacrifício e ao sofrimento físico nos indivíduos a favor da revolução, mas lhes falta o contato amplo com as massas populares, o único que é capaz de frutificar sua eficácia e de conservá-los durante longo tempo, frescos e com animação.

Em tal período de reação e de relações secretas, entrou o movimento anarquista no último decênio do século passado (XIX) e é natural que não haja logrado se livrar da influência da nova atmosfera. Durante o transcurso de vários anos, nas filas anarquistas se acostumou considerar a atividade clandestina como um estado normal. Os novos elementos que se agregaram ao movimento, no período conspirativo, tinham uma inclinação especial a considerar a organização secreta e sua atividade como consequência lógica do movimento anarquista, a que devia antepor-se a toda atividade pública. Um conceito nesse sentido defendeu o Comitê

Italiano para a Revolução Social em uma extensa carta ao 7° Congresso da Internacional, que se verificou em novembro de 1874, em Bruxelas. No mencionado manifesto se rechaça toda atividade pública dos revolucionários por perigosa. Dizem:

> *"As repressões em massa implantadas pelos governos, nos obrigaram a uma conspiração totalmente secreta. Como essa forma de organização é muito superior, nos congratulamos porque as perseguições concluíram com a Internacional pública. Continuaremos o caminho secreto; o temos escolhido como o único que pode conduzir-nos a nossa meta: a Revolução Social."*

Deriva dogmática

Assim como os anarquistas daquele período exageraram o significado das organizações conspiradoras, da mesma maneira sublimaram, com o passar do tempo, a importância dos atos individuais alcançando, estes últimos, demasiadas proporções, chegando muitos deles até ver na chamada propaganda pelo fato o ponto essencial do movimento. Os atos terroristas individuais de caracteres apaixonados são concebíveis e explicáveis em períodos de reação desenfreada e de perseguições atrozes. Estes meios não foram somente empregados pelos anarquistas. Somente, devido às espantosas perseguições de que são objeto os anarquistas nos diversos países, pode explicar-se o porquê a importância desses atos foi exagerada nos setores anarquistas daquele período.

Essas coisas em geral as sente o trabalhador simples mais tênue e intensamente que o intelectual, ainda que nem sempre possua as facilidades de dar uma expressão a esses sentimentos. A maioria dos camaradas alemães aspirava a um movimento operário anarquista e sentiam instintivamente que uma acentuação demasiado unilateral de teorias puramente abstratas sobre a soberania ilimitada do indivíduo e outras coisas análogas por meio das quais pode supor-se todo o possível e impossível, despejaria as massas do campo do movimento convertendo-lo em uma seita petrificada.

Sindicalismo revolucionário e reorganização

O bom sentido induziu a muitos operários anarquistas a desejar uma raiz de união mais potente do anarquismo com o movimento operário. Para muitos foi talvez mais instintivamente que com conhecimento de causa. Sentia-se a necessidade interna, mas não se tinha a certeza do caminho conveniente. O jovem movimento sindicalista na França se desenvolveu com uma rapidez espantosa, e

muitos anarquistas ativos empenharam toda sua energia no novo movimento, participando em suas inumeráveis lutas. A razão de ser de um movimento de massas se levantou poderosamente depois de um adormecimento tão longo durante o tempo das leis de exceção. A ideia de Greve Geral começou a abarcar a multidão dos países latinos e, sob a direta influência de grandes lutas operárias, as que durante os primeiros anos do presente século comoveram Espanha, França, Itália, a Suíça francesa, Holanda, Hungria e outros países, também entrou o movimento anarquista em uma nova fase de sua evolução, mais próximo de seus primórdios.

Mas, no momento de colocar-se no terreno do movimento revolucionário das massas, o ponto Organização voltou ao tapete (...)

Acontecimentos iguais ocorreram também, de forma mais ou menos idêntica, em quase todas as partes. Ou seja, tratavam de assuntos que deviam fazer em todas as partes, o mesmo efeito. O conhecido anarquista holandês Christian Cornelissen, relatou detalhadamente esse estado em seu interessante estudo sobre A Evolução do Anarquismo onde emite sua opinião da seguinte maneira:

> *"Em diversos países modernos o anarquismo recém se fez caminho prático como oposição a centralização e disciplina da social-democracia. Mas dita oposição, como ocorre geralmente em movimentos opositores, rapidamente foi ao outro extremo. Por influência de elementos libertários e artísticos prestou-se a dar apoio ao individualismo como teoria e até introduzir em todas partes a desorganização no movimento. Sobre tudo a princípios dos anos noventa do século passado (XIX), durante a época em que a chamada ação individual incitou diversos atentados com bombas, a crítica individualista dali, assim como também da Itália, Alemanha, Holanda, Boêmia, etc., atacava primeiro a forma de organização e mais tarde a organização mesma. Nos sindicatos apareceu o espírito individualista de desorganização e em muitas sociedades de recente fundação, se pôs como questão preliminar na ordem do dia, que estatutos e presidentes levam em si o germe de um novo domínio. Não contentes com criticar o abuso da organização e o emprego de todos os meios para evitar que os membros diretores dos sindicatos possuíssem demasiado poder em suas mãos, pois são simplesmente os mandatários dos associados, começaram logo os individualistas a combater a organização mesma, sonhando ver sempre novos tiranos até ali onde se tratava tão só de regular os assuntos sindicais mais simples. Também nestes casos foram erroneamente empregadas palavras como tiranização da minoria pela maioria e repressão da liberdade individual. Mas, a crítica individualista, não notou aqui o perigo de que quando em uma organização operária não existe uma regulamentação se faz valer com mais facilidade a autoridade pessoal e até a ditadura de indivíduos de ação, igual que na velha sociedade combatida. Mais ainda que nos sindicatos, no período transitório de que falamos aqui, o individualismo achou ressonância nos grupos e nos centros de estudo e agitação que se colocaram diretamente frente às sociedades dos social-democratas. A pouco, não faz muito, em diversos países se discutiram problemas como os seguintes: Se não é um repúdio contra a liberdade do indivíduo, votar e conceber resoluções em grupos revolucionários? Se é permitido apelar aos membros de tais grupos, para que abonem com regularidade suas contribuições ao caixa do grupo? Se se está autorizado para nomear um presidente de mesa nos grupos para que anote os que pedem a palavra ou um secretário e especialmente um tesoureiro, pois são todos responsáveis ante os membros e isto estabelece uma nova dominação como ocorre nos social-democratas? Além do mais, relativo a responsabilidade, o indivíduo soberano é devedor ante si mesmo da responsabilidade. Que não se ache que é exagerado. Todavia, no Congreso Internacional revolucionário de Londres em 1896, entre os presentes se encontrava um stirneriano empedernido que protestava cada vez que havia que aprovar alguma resolução:* "O que! uma resolução? Não quero resoluções! Não vim para pactar com os outros! Eu quero ser EU MESMO!" *Mas então a tendência comunista anarquista já tinha a supremacia e disse ao opositor:* "Isso poderias haver feito em casa! Não deves vir para incomodar-nos.""

No momento em que o movimento anarquista voltou a colocar-se sobre o terreno da ação das massas, como o fizeram seus grandes precursores na época da Internacional, o problema da organização devia naturalmente voltar de novo à ordem do dia e foi principalmente esse problema o que originou a convocação do Congresso Anarquista Internacional de Amsterdã (1907) e da criação da Internacional Anarquista. O companheiro francês Dunois iniciou o ponto Anarquismo e organização, com uma pequena relação, em que pontuou o caráter social da ideia anarquista e declarou que o anarquismo não é individualista, mas federalista e que pode definir-se como federalista em todos os terrenos. Na

discussão todos os camaradas, excetuando o individualista holandês Croiset, se expressaram pela necessidade da organização. Com especial acentuação o fez nosso velho camarada Errico Malatesta, quem sempre foi um campeão incansável das ideias organizadoras.

Nesse sentido o Congresso adotou diversas decisões criando um Bureau Internacional para que facilite as relações entre as diferentes organizações nacionais. O segundo congresso da Internacional Anarquista que devia efetuar-se no verão de 1914 em Londres e para o qual já estavam notificados delegados de 21 países da Europa e América, foi interrompido pela guerra mundial que estalou justamente quando o congresso tinha que realizar-se e os cinco membros que compunham o Bureau foram mais tarde dispersados por diversos países.[R. Rocker]

FEDERALISMO PARA UNIR E CRIAR FORÇA COLETIVA.

A fim de estabelecer uma certa coordenação na ação, coordenação necessária, creio eu, entre as pessoas que tendem ao mesmo objetivo, impõem-se determinadas condições: um certo número de regras ligando cada um a todos, determinados pactos e acordos renovados freqüentemente – se falta tudo isto, se cada um trabalha como lhe apetece, as pessoas mais sérias encontrar-se-ão, elas próprias, numa situação em que os esforços de um serão neutralizados pelos de outros. Disto resultará a desarmonia e não a harmonia e a confiança serena para a qual tendemos.

Eu quero que em nosso trabalho haja ordem e uma confiança serena, e que nem uma nem outra seja o resultado de ordens de uma única vontade, mas da vontade coletiva, da vontade bem organizada de numerosos companheiros disseminados em numerosos países. Mas para que tal descentralização seja possível, é preciso ter uma autêntica organização, e tal organização não é possível sem certo grau de regulamentação, que ao fim e ao cabo são o resultado de um acordo mútuo ou de um contrato. [Bakunin. Carta a Albert Richard 1868-1870.]

***

Por organização entendemos a união dos anarquistas em grupos e a união federal dos grupos em si, sobre a base de ideias comuns e de um trabalho prático comum a realizar.

Nem mesmo remotamente queremos nos solidarizar com ideias e métodos que não são os nossos e, consequentemente, desejamos evitar a confusão que nos une indiscriminadamente e que torna a nossa propaganda caótica, contraditória e sem resultado.

É preciso reconhecer que a organização é um meio de se diferenciar, de precisar um programa de ideias e de métodos estabelecidos, um tipo de bandeira de reunião para se partir ao combate sabendo-se com quem se pode contar e tendo-se consciência da força que se pode dispor.

Assumimos o nome porque ele precisa a nossa ideia e as nossas proposições, porque ele possui o valor de um programa. Dizemos, por exemplo, partido anarquista, entendendo simplesmente por isso o conjunto de todos aqueles que combatem pela anarquia. Quando dizemos federação socialista-anarquista, pensamos na união

pré-estabelecida dos indivíduos e grupos aderentes que, em determinada localidade, puseram-se de acordo em torno de um programa de ideias e métodos.

Todos aqueles que o aceitam formam a organização cujo programa foi assim auto-estabelecido, sejam eles grupos ou indivíduos; cada grupo e cada federação decidem, através de sua correspondência, dos jornais, dos congressos, etc., a maneira pela qual concordam para desenvolver a ação comum, as formas de organização federal e os grupos e modalidades internas.

Entretanto, organizar-se e diferenciar-se daqueles que, em algum ponto essencial, não estão de acordo conosco na interpretação do termo e dos métodos da anarquia, não significa que pretendemos o monopólio do termo e do movimento anarquista ou que queiramos excluir quem quer que seja da grande família libertária. Mas sermos todos da mesma família, não significa que tenhamos todos as mesmas ideias e o mesmo temperamento, nem que queiramos fazer a mesma coisa e que estejamos de acordo sobre tudo. Na maioria das famílias é antes o contrário o que ocorre.

Os anarquistas que estão organizados sabendo já o que fazem, pois as próprias formas exteriores os lembram constantemente que estão associados, que discutem do seu ponto de vista toda a proposição, venha de onde venha, estão menos expostos as surpresas. Justamente porque a união faz a força, eles podem opor uma maior força de resistência às sugestões dos camaradas mais inteligentes, mais simpáticos ou mais ativos.

Em toda a convivência existe divisão de trabalho entre os associados; alguns deles devem se encarregar de funções sociais necessárias e úteis a todos. Tais funções possuem hoje em dia um caráter autoritário porque são exercidas em grande parte por organismos autoritários, mas não são em si a autoridade.

Creio que nenhum anarquista sustentará que em anarquia se deva abolir o serviço postal ou o ferroviário somente pelo fato de que hoje os correios e estradas de ferro são geridos de maneira infame pelo estado capitalista. O que vale para a sociedade futura vale para as organizações anarquistas, que delegam a alguns de seus membros responsabilidades para cumprir uma função determinada e não para exercer um poder. Delegação de função e não delegação de poder. Não se podem fazer mais do que delegação de função no momento em que em certo círculo não podem todos os camaradas ser ao mesmo tempo o tesoureiro e o secretário, da mesma forma de que não podem todos por-se a realizar uma função para qual basta o trabalho de um só.

A necessidade de tais mandatos amplia-se e torna-se mais forte quando a organização é maior e o seu campo de atividade mais amplo. Mas basta que os delegados não possam agir em nome da associação a não ser quando seus membros

lhes tenham explicitamente autorizado; eles devem executar somente aquilo que os associados decidiram e não ditar aos associados o rumo a seguir.

Se algum gérmen de autoridade pode se personificar nestes representantes da associação este seria uma autoridade moral, sem perigo de que possa se transformar em autoridade coercitiva de fato. E tal tipo de autoridade assim surgida nunca seria tão forte como aquela que um companheiro ativo e inteligente pode desenvolver em um meio desorganizado. [Luigi Fabbri. A Organização Anarquista 1907.]

***

O fato de que pode existir uma coletividade organizada sem autoridade, isto é, sem coerção, sendo admitido – e os anarquistas devem admiti-lo, porque não teria sentido -, nos leva à organização do partido anarquista. Um matemático, um químico, um psicólogo, um sociólogo podem afirmar que não têm programa, ou que seu único programa é a procura da verdade; eles querem conhecer, e não agir. Entretanto o anarquismo e o socialismo não são ciências: são objetivos, projetos que os anarquistas e os socialistas querem pôr em prática e que têm necessidade de ser formulados em programas bem determinados.

Basta ver o que sempre se passou entre nós: quanto menos organizados nos encontramos, mais submissos estivemos à vontade de um indivíduo. É natural que assim seja. Logo, longe de criar a autoridade, a organização é a única solução contra a autoridade e a única maneira de fazer com que cada um de nós se habitue a tomar parte ativa e consciente no trabalho coletivo e deixe de ser um instrumento passivo nas mãos dos chefes. Entretanto, nos dirão, uma organização supõe a obrigação de coordenar sua própria ação com a dos outros, o que viola e impede a iniciativa. Parece-nos que o que realmente priva a liberdade e torna a iniciativa impossível, é o isolamento que reduz à impotência. A liberdade não é um direito abstrato, mas a possibilidade de fazer alguma coisa: é verdade para nós e também para a sociedade em geral. É na cooperação com os outros homens que o homem encontra a razão de ser de sua atividade e de seu poder de iniciativa. Ficaríamos muito contentes se pudéssemos estar todos de acordo e unir todas as forças do anarquismo em um movimento forte, etc. É preferível estarmos desunidos que mal unidos. Mas gostaríamos de esperar que cada um una-se a seus companheiros e que não haja forças isoladas, isto é, perdidas. [Malatesta. Anarquismo e Organização.]

***

Duas medidas são urgentemente necessárias para intensificar a ação anárquica: seleção dos militantes e concentração de forças. Só isso nos dará unidade de ação.

Somos combatentes de uma grande guerra. Todos os combatentes, se "entendem" mutuamente para combater, assumem "compromissos", sem os quais não pode haver unidade de ação. Quem se "entende" com outros já não é senhor da sua vontade integralmente, prendeu-a por alguns fios ao acordo firmado. Se desfaz os fios, rompe o acordo, se "desentende, desiste do combate comum", foge à luta, se furta aos companheiros.

Logo o indivíduo "autônomo" é impossível num "grupo" de combate. Se ele firma um acordo com outros grupos, ele alienou de si, em benefício da comunhão, uma parcela de sua vontade. Se ele tem algum motivo de desacordo, cumpre-lhe expor esse motivo à comunidade e promover a revisão do acordo. Romper o acordo por sua livre e espontânea vontade é uma traição bem caracterizada.

Falar também das federações com grupos inteiramente autônomos é absurdo. Federar-se é comprometer-se a um "pacto" escrito ou não, submeter-se voluntariamente a uma vontade coletiva, a princípios pré-assentados, discutidos e aceitos. Portanto, os grupos federados são "autônomos dentro do acordo", segundo a fórmula de Malatesta.

Assim, quando no grupo o indivíduo quebra o acordo, ele por si mesmo se "desliga" moralmente e pode (melhor, "deve") ser excluído intransigentemente do grupo. Do mesmo modo, se o grupo quebra o acordo, se desliga da federação e como tal pode e deve ser declarado dissolvido ou estranho à federação. Exemplo: um grupo que vai votar ou "apoia" uma candidatura. É o único meio de cortar as "águas turvas" e solidificar a "frente" anárquica.

Aqueles, entretanto, que aceitarem a ideia dos grupos selecionados, à maneira exposta, não devem perder tempo. Cada agrupamento, para ser mais eficaz, deve ser muito reduzido em número, de doze companheiros no máximo. É melhor formar muitos grupos pequenos federados numa localidade, com princípios por todos assentados e observados, mas livres na execução das medidas tomadas, que num só grupo numeroso com assembléias infindáveis, discussões ociosas e as respectivas comissões nomeadas.[José Oiticica 1923.]

***

Como a febre amarela, esta doença de desorganização se introduziu no organismo do movimento anarquista e o tem abalado por dezenas de anos.

No entanto, sem sombras de dúvidas, esta desorganização se origina de

alguns defeitos de teoria: notavelmente de uma falsa interpretação do princípio de individualidade no anarquismo, sendo esta teoria frequentemente confundida com a total falta de responsabilidade.

Dispersão e quebra de unidade são arruinantes: uma união bem formada é um sinal de vida e desenvolvimento.

Está na hora do anarquismo sair do pântano da desorganização, pôr um fim as infinitas vacilações das questões táticas e teóricas mais importantes, mover-se definitivamente em direção a um ideal claramente reconhecido, e operar uma prática coletiva e organizada.

Não é o bastante reconhecer a necessidade vital de tal organização: é também necessário estabelecer o método para sua criação.

Nós rejeitamos como teoricamente e praticamente inapta a ideia de criar uma organização baseada na receita da "síntese", que está reunindo os representantes de diferentes tendências anarquistas. Tal organização, tendo incorporado elementos teóricos e práticos heterogêneos, seria apenas uma reunião mecânica de indivíduos, cada qual possuindo um conceito diferente das questões do movimento anarquista, uma reunião que eventualmente se desintegraria ao entrar em contato com a realidade.

O único método que leva à solução do problema de organização geral é, do nosso ponto de vista, reorganizar militantes anarquistas ativos baseando-se em posições precisas: teórica, tática e organizacional, a base mais ou menos perfeita de um programa homogêneo.

Os princípios fundamentais para a organização de uma União Geral de Anarquistas são os seguintes:

Unidade Teórica: a teoria representa a orça que orienta a atividade de pessoas e organizações por uma trilha definida e direcionada a um objetivo determinado. Naturalmente ela deve ser comum a todas as pessoas e organizações aderentes à União Geral.

Unidade Tática ou Método Coletivo de Ação: uma linha tática comum no movimento é de importância decisiva para a existência da organização e para o movimento todo: ela elimina o efeito desastroso de várias que se opõe entre si, concentra as forças do movimento, oferece à elas uma direção em comum levando, portanto, a um objetivo fixo.

Responsabilidade Coletiva: as áreas da vida revolucionária, sociais e políticas, são, acima de tudo, profundamente coletivas por natureza. A união toda será responsável pela atividade política e revolucionária de cada membro; da mesma forma, cada membro será responsável pela atividade política e revolucionária da União como um todo.

Federalismo: o tipo federalista de organização anarquista, ao mesmo tempo em que reconhece os direitos de independência, opinião livre, liberdade individual e iniciativa de cada membro, requer deles que assumam deveres organizacionais fixos, e exige a execução de decisões compartilhadas. [Grupo Dielo Trouda. Plataforma de Organização 1926.]

***

A pergunta para os anarquistas de todos os países é a seguinte: nosso movimento pode contentar-se em subsistir na base de velhas formas de organização, de grupos locais que não tem vínculo orgânico entre eles, cada um agindo do seu lado de acordo com sua ideologia particular e com sua prática particular? Ou nosso movimento deve ter recursos para novas formas de organização que irão ajudá-lo a se desenvolver e a arraigá-lo entre uma vasta massa de trabalhadores?

A organização anarquista não será possível se não existir um acordo teórico e organizacional, constituindo uma plataforma comum em que milhares de militantes possam reunir-se. À medida que aceitarem essa plataforma, ela deve ser obrigatória para todos. Aqueles que não reconhecem esses princípios básicos não podem tornar-se, e ademais eles mesmos não iriam querer, membros da organização.

Dessa forma, essa organização será a união daqueles que terão uma concepção comum de uma linha teórica, tática e política a ser realizada.

É isso o que caracteriza a responsabilidade coletiva: toda a União é responsável pela atividade de cada membro, sabendo que eles realizarão seu trabalho político e revolucionário no espírito da União. Ao mesmo tempo, cada membro é inteiramente responsável por toda a união, enxergando que sua atividade não será contrária aquela elaborada por todos os seus membros. Isso não significa autoritarismo, como o companheiro Malatesta afirma com firmeza, mas é a expressão de um entendimento consciente e responsável do trabalho militante.

É por isso que ele só confere a assembléias e suas resoluções o papel de uma espécie de conversa entre amigos, na qual se pronunciam somente desejos platônicos.

Na verdade, qual seria o valor de uma assembléia se ela tivesse somente "opiniões", e não trouxesse fatos que pudessem ser realizados na vida real? Nenhum. Em um movimento vasto, uma responsabilidade unicamente moral e não-organizacional. [Piotr Archinov. Dielo Trouda 1928.]

ORGANIZAÇÃO ESPECÍFICA. O político e o social articulados em uma concepção de poder popular revolucionário.

A quem nos pergunte que motivo tem a existência da aliança uma vez que já existe a Internacional, respondemos: A Internacional é, desde já, uma magnífica instituição; é inegavelmente, a mais bela, a mais útil, a mais bem feita criação de nosso século. Foi criada a base da solidariedade dos trabalhadores de todo o mundo. Foi-lhes dado um principio de organização através de todos os estados e à margem do mundo dos exploradores privilegiados. E fez mais ainda: hoje ela já contém os primeiros germes da futura organização da unidade, e ao mesmo tempo ela deu ao proletariado de todo o mundo a percepção do seu próprio poder.

São, é claro, imensos os serviços que ela prestou a grande causa da revolução universal e socialista. Mas ela não é uma instituição suficiente para organizar e dirigir a revolução. Todos os revolucionários que tomaram parte ativa nos trabalhos da Internacional, em qualquer país, desde 1864 - ano de sua fundação - estão convencidos disso.

A Internacional prepara os componentes da organização revolucionária, mas não a organização revolucionária em si. Ela os prepara para a luta pública e legal dos trabalhadores solidários de todos os países contra os exploradores do trabalho – capitalistas, proprietários e empresários industriais – mas nunca vai mas além. A única coisa que faz fora esta obra, por si só tão útil, é a propaganda teórica das idéias socialistas entre as massas. Em uma palavra, a Internacional é um espaço sumamente favorável e necessário para a organização revolucionária, mas não é a organização revolucionária em si. A Internacional admite em seu seio, sem distinção de crenças políticas ou religiosas, a todos os trabalhadores honrados com a única condição de que aceitem, com todas as suas conseqüências, a solidariedade da luta dos trabalhadores contra o capital burguês, explorador do trabalho. Esta é uma condição suficiente para separar o mundo dos trabalhadores de mundo dos privilegiados, mas insuficiente para dar ao primeiro destes mundos uma orientação revolucionária.

A Aliança é o necessário complemento da Internacional. Mas a Internacional e a Aliança, ainda quando têm a mesma finalidade, ao mesmo tempo perseguem objetivos diferentes. Uma tem a missão de agrupar as massas operárias, os milhões

de trabalhadores, através dos diferentes países e nações, através das fronteiras de todos os estados; a outra, a Aliança, - tem a missão de dar a estas massas uma orientação realmente revolucionária. Os programas de uma e de outra, sem que de modo algum sejam opostos, são diferentes pelo grau de seu respectivo desenvolvimento. O da Internacional, se o tomamos com toda a serenidade que exige o caso, contém o germe, mas só em germe, todo o programa da Aliança. O programa da Aliança é a explicação última do programa da Internacional.

Nunca se deve renunciar ao programa revolucionário claramente estabelecido, nem pelo que tange à forma, nem pelo que tange a sua substância. As reticências, as meias verdades os pensamentos castrados e as complacentes atenuações e concessões de uma diplomacia covarde não são os elementos com que se formam as grandes coisas; estas só se formam em corações com espírito justo e firme, com uma finalidade claramente determinada e com uma grande valentia.

Sabemos que em política não há prática sincera e útil possível sem uma teoria e uma finalidade claramente determinada. Não cabe dúvida de que o número de nossos aderentes será maior se evitarmos precisar nosso real caráter. Mas já disse o provérbio que quem muito abarca mal abraça: compraríamos todas estas preciosas adesões ao preço de nossa completa aniquilação.

Nós, bem ou mal, conseguimos formar um pequeno partido; pequeno em relação ao número de pessoas que aderiu a ele com conhecimento de causa, mas imenso com respeito a seus aderentes instintivos, a estas massas populares cujas necessidades representamos melhor que qualquer outro partido. Agora deveremos navegar todos juntos no oceano revolucionário, e daqui para frente devemos propagar nossos princípios, não com palavras, mas com fatos, porque afinal é a mais popular, poderosa e irresistível forma de todas propagandas. [Bakunin. A Aliança e a Internacional.]

***

Para formar todas estas organizações revolucionárias, imprescindíveis para o triunfo da causa popular, para ativá-las, estimulá-las, dirigir-lhes, por uma parte, e para impedir, de outra, que possam um dia degenerar e se converter em governos, incluso a título provisório, é evidentemente necessário que haja uma força, uma organização coletiva invisível, que, acatando um programa franca e completamente revolucionário e dando-lhe impulso até as últimas consequências, se abstenha de qualquer manifestação, ingerência governamental ou oficial, e com isso possa exercer uma influência mais eficaz e poderosa sobre o movimento espontâneo

das massas populares, tanto na ação como em todas as medidas revolucionárias dos delegados e comitês. Tal é o objeto único da organização.

Esta organização, portanto, não tem só como missão preparar a revolução. Terá que se manter e se vertebrar mais ainda durante a revolução, para que sua ação coletiva, estritamente solidária e oculta substitua a de todo governo ou ditadura oficial, não deixando que esta afogue o movimento revolucionário das massas para desembocar na reconstituição do Estado político, dirigente, tutelar, e por isso mesmo, necessariamente burocrático, militar, opressor e explorador, ou seja, uma nova dominação burguesa. [Bakunin. Programa da Fraternidade Internacional 1872.]

***

O que escreve é partidário da organização operária e da organização do partido, ou seja, que tomando a palavra "partido" no sentido próprio do conjunto de quantos "participam" e lutam pela mesma causa, creio útil que os anarquistas se unam em uma ou mais organizações, transitórias ou permanentes, locais ou gerais, segundo as circunstâncias e os fins imediatos ou definitivos que queiram alcançar, para coordenar os esforços e fazer aquelas coisas que não conseguiriam as forças dos indivíduos isolados. E, portanto, sou aderente a União Anarquista Italiana. [Malatesta. Congresso Anarquista 1921.]

***

Eu creio que as revoluções não se fazem sem as massas, mas é preciso começar a tomar as massas tal como são. As multidões são móveis, mas se em certo momento nos abandonam as voltaremos a encontrar quando as circunstâncias nos sejam precisas. O importante é que haja uma vontade revolucionária nas minorias mais capazes de reagir e rebelar-se com o próprio esforço contra o ambiente. O importante é formar núcleos, o mais numerosos que se possa, de acordo, mas de gente consciente, segura e abnegada, que em sua hora saibam mover as multidões.

É preciso, portanto, em tempos normais atender ao trabalho longo e paciente de preparação e organização popular e não cair na ilusão da revolução a curto prazo, factível só por iniciativa de poucos, sem suficiente preparação nas massas. A esta preparação, enquanto sejam possíveis em ambiente adverso, tendem entre outras coisas a propaganda, a agitação e a organização entre as massas, que não devem ser descuidadas nunca.

A um partido autoritário, que procura se apropriar do poder para impor as próprias ideias, interessa que o povo siga sendo uma massa amorfa, incapaz e, portanto, que siga sendo sempre fácil de dominar. Conseqüentemente, não deve desejar mais que aquele pouco de organização, e do tipo que lhe interessa, para alcançar o poder: organização eleitoral, se espera alcançá-lo por meios legais; organização militar se conta, por sua vez, com uma ação violenta.

Temos nos dado o dever de lutar contra a presente organização social e de abater os obstáculos que se opõem ao advento de uma nova sociedade em que liberdade e bem estar estejam garantidos para todos. Para alcançar este objetivo, nos unimos em partido e procuramos ser o mais numeroso e mais forte possível. Mas se só estivesse organizado nosso partido; se os trabalhadores permanecessem isolados como tantas unidades indiferentes umas das outras e unidos só por uma cadeia em comum; se nós mesmos, além de estar organizados em partido enquanto anarquistas, não estivéssemos organizados com os trabalhadores enquanto trabalhadores, não poderíamos conseguir nada, ou no melhor dos casos não poderíamos nos impor...e então já não haveria triunfo do anarquismo mas um triunfo nosso. Por muito que nos chamássemos anarquistas, na realidade não seriamos mais que simples governantes e seriamos impotentes para o bem como são todos os governantes.

Como anarquistas devemos nos organizar, entre gente perfeitamente convencida e de acordo entre si, e entorno de nós devemos organizar, em associações amplas, abertas, a maior quantidade possível de trabalhadores, aceitos como são e nos esforçando para fazê-los progredir o máximo que podemos.

Não basta desejar uma coisa: se sequer obtê-la de verdade tem que se empregar os meios adequados para consegui-la. E estes meios não são arbitrários, senão que derivam necessariamente do fim que se aponta e das circunstâncias em que se luta, já que se enganando a respeito da escolha dos meios não se chegaria ao fim proposto, mas a outro, talvez oposto, que seria consequência natural e necessária dos meios empregados. [Malatesta. La ideologia Anarquista. Ed. Recortes.]

***

O papel do anarquismo continuará sendo o que é hoje: tendência livre no seio do povo e das organizações, atuando sem coação. Fermento da massa. Força propulsora de todos os movimentos conscientes a caminho da liberdade. Motor da ação e organização diretas populares. Fator de iniciativas que não esperam ordens. Sentinela vigilante contra qualquer tentativa de restaurar a tirania abatida ou de

restabelecê-la sob o disfarce enganador de novas vestes.

Para as massas, os programas concretos, claros, precisos, são, com efeito, da maior utilidade.

[No programa libertário] a força não figura senão como meio revolucionário e não se emprega senão contra a violência – do capitalismo, do Estado ou da contra-revolução – que procura manter ou restaurar a escravidão das massas, impor-lhes criminosamente a vontade de uma minoria exploradora. No mais, um programa libertário não exprime senão o que um partido pretende lançar, pela força do exemplo e da propaganda, no cadinho efervescente onde se elaboram as formas sociais. É a ação livre de uma tendência, é uma contribuição, não uma imposição.

Compete aos anarquistas [quando estiverem atuando nos movimentos de massas, exercerem em seu seio] toda a sua atividade e influência, em prol do seu programa integral, sempre intransigentemente mantido, afim de pesar com todo o seu peso e obter em todas as soluções o máximo de anarquismo. [Neno Vasco. Concepção anarquista do sindicalismo.]

***

Penso que devemos separar inteiramente a organização do sindicato da organização dos anarquistas. A organização destes visa, naturalmente, orientar a classe trabalhadora por meio do sindicato, instrumento de ação direta nas reivindicações, mas a arregimentação dos militantes para a propaganda nos sindicatos e fora dele é coisa a parte, requer métodos, processos diferentes.

Por isso querer os "grupos fechados", só de militantes, com ingresso por seleção e compromissos rigorosos; as "secções operárias anárquicas", isto é, centros operários fundados pelos "grupos" para propaganda fora dos sindicatos.

Não basta, pois, ter vontade de ser anarquista e propagandista. Importa estudar muito, enfronhar-se na teoria, embeber-se no ideal. Se esse tirocínio é insubstituível para alcançar a "teoria", muito mais reclama a luta real. É indispensável experiência longa, estudo dos sindicatos, contato constante com o trabalhador, conhecimento dos truques políticos e policiais, toda uma ciência prática difícil.

Assim reputo evidente a necessidade de levar em conta, na organização, a distinção entre agrupamento de militantes e formação de anarquistas fora dos agrupamentos. Demais, no sindicato não podemos dar uma feição exclusivamente anárquica à ação operária.

Desde que o anarquismo é anarquismo, não tem pregado outra coisa senão

a ação direta das massas contra os burgueses, pela associação, pela colaboração dos sindicatos, pelas greves, pela sabotagem, por todos os processos imagináveis. Espero que os bolchevistas não nos venham negar isso e considerar a ação direta invenção bolchevista, ou ideia do "mestre" Marx ou do "mestre" Engels. [José Oiticica 1923.]

***

Rechaçamos o parlamentarismo, como rechaçamos a concepção, também conservadora, do "apoliticismo". Postulamos como complementar a atividade no terreno da luta de massas, sindical ou do tipo que seja e a atividade propriamente política (ou "partidária") em suas diversas manifestações. Ambas, a ação sindical e a ação específica, se orientadas com fins e métodos revolucionários, excluem o "apoliticismo sindical" ou "econômico", e o eleitoralismo ou parlamentarismo.

A ação sindical solitária, por melhor orientada que esteja, não é suficiente. A existência de um movimento político revolucionário organizado é condição decisiva para o processo de avanço das lutas em nosso país. Nesta matéria os critérios político-organizativos e a metodologia que informam a atividade dos partidos e movimentos, são indicativos da perspectiva estratégica e o tipo de tarefas que encaram como fundamentais e que, portanto, são determinantes na vida da Organização.

Existe um tipo "tradicional" de partido, não só na direita. Com estrutura adequada a atividade eleitoral e de propaganda, de envolvimento de simpatizantes e votantes, o que alguns abusivamente chamam "partido de massas".

Adaptado a um nível mais ou menos baixo de exigências, são sistemas de recrutamento não de um todo contrapostos aos dos partidos burgueses, portanto de pouca solidez real ainda que em algum caso de verdadeiro potencial econômico e grande desenvolvimento material e burocrático, este tipo de partido se adapta as condições da atividade legal no marco das "garantias constitucionais". Sem descartar últimos fins, logo de cumpridas etapas mais ou menos fatais, as finalidades certas de sua ação não superam o marco da mobilização preparatória, da propaganda e o desenvolvimento de tarefas eleitorais.

Não há dúvida que um partido deste tipo não pode ser instrumento idôneo para a ação em períodos de "anormalidade"(...)

Além do mais a própria existência de uma organização política revolucionária se legitima no cumprimento de funções que o movimento de massas não pode desempenhar. Em troca, este tipo de partido "tradicional" faz "competição" com

o movimento de massas; sua direção trata geralmente de impedir que o sindicalismo, por exemplo, cumpra sua função independente, leve até as últimas consequências suas possibilidades, porque se não fosse assim: que justificativa teria o "partido" ou sua frente eleitoral?

Ocorre, ao inverso, que o reformismo em relação ao "partido e ao "sindicato" cumpre uma função de desarme moral, organizativo e ideológico. Através do pertinaz trabalho eleitoreiro, da apologia as "batalhas de bancada", da apoteose conformista das vitórias constantes, confunde as perspectivas do povo, abranda os militantes, vai dissolvendo as fibras revolucionárias subsistentes no "partido". Que assim acaba, declarações e em algum caso intenções aparte, em um verdadeiro partido tradicional... ainda que "de esquerda". Em uma espécie de "Oposição de Sua Majestade", obcecado pelo "respeito a ordem", a "defesa da democracia", a reivindicação dos foros do parlamento, "a preservação das instituições", a guarda contra as "aventuras" e "provocações".

Tudo isso frustra um "partido" assim concebido para a luta real na "normalidade" e o vai desabilitando cedo para a ação revolucionária em condições "anormais". Não é um problema de valentia ou covardia pessoais, senão um problema de orientação, revolucionária ou não. E como nos partidos reformistas existem, por suposto, militantes que vão buscando outra coisa, que tem intenções sãs, que tem disposição de peleia, que não se conformam com a rotina burocrática, muitas vezes da direção se procura desviar essas positivas características ao choque contra os "provocadores" (geralmente outros grupos, bem ou mal situados, de esquerda), ou dissolvê-las dentro de um guerrilherismo verbal e um folclore revolucionário que promete "o assalto ao céu" mais ou menos apocalíptico, para... quando estejam dadas as condições. [FAU. Rojo y Negro 1968.]

IDEIAS E VALORES QUE FORMAM UM ESTILO MILITANTE.

Impusemos a nós próprios a lei de nunca receber na nossa intimidade e fraternidade coletiva, nenhum ambicioso e nenhum vaidoso, por muito parecidas que sejam as suas idéias e as suas tendências apaixonadas com as nossas, por muito inteligentes e sábios que sejam e por muito grande que pudesse ser a utilidade que as suas relações e a sua influência no mundo nos trouxessem. Preferimos nos resignar a recebê-los entre nós, pela certeza que temos de que a sua ambição e a sua vaidade não deixariam de trazer para o nosso meio, mais tarde ou mais cedo, os germes da divisão e da desorganização. Eles vão querer ser chefes, dirigentes, mestres, e não os reconhecemos de modo nenhum entre nós e como socialistas revolucionários não os devemos reconhecer. Não pode e não deve ser dos nossos senão o que é capaz de, individualmente, imergir completamente na solidariedade fraternal e na ação coletiva dos aliados – não para se tornar um escravo, mas pelo contrário, para se retemperar nela e para se reencontrar forte, livre, inteligente, pela força, pela liberdade, pela inteligência e pela assistência, sempre ativa e sempre presente, de todos. [Mikhail Bakunin. Carta a Pablo na Espanha.]

***

Os melhores homens são facilmente corruptíveis, sobre todo quando o mesmo meio provoca a corrupção dos indivíduos pela ausência de controle sério e de oposição permanente. Na Internacional, não pode tratar-se da corrupção venal, porque a associação ainda é demasiado pobre para dar nem sequer justas retribuições, a nenhum de seus chefes. Ao contrário do que acontece no mundo burguês, os cálculos interessados e os subornos e malversações são portanto muito escassos, aparecendo só a título excepcional. Mas existe outro gênero de corrupção a que desafortunadamente não escapa a Aliança Internacional: é o da vaidade e da ambição. [Bakunin. Protestação da Aliança 1871.]

***

A organização anarquista não pretende estar constituída por gente superior as demais. Seus homens têm, naturalmente, os defeitos comuns a todos os mortais, e por isso, como todo partido, também a organização anarquista tem suas deficiências, suas escórias; e pode sempre haver indivíduos que buscam cobrir

com sua bandeira as próprias tendências insanas e anti-sociais. Certamente não em maior proporção que nos demais partidos. Ao contrário! As piores formas de delinquência, fruto do egoísmo e da ambição, do espírito de interesse e de lucro, se mantêm a distância do anarquismo, pelo fato de que em seu âmbito há pouco ou nada que ganhar e quase tudo que perder. [Luigi Fabbri. Anarquismo e comunismo científico 1922.]

***

Todos nós, sem exceção, nos vemos obrigados a viver mais ou menos em contradição com nossos ideais, mas somos socialistas e anarquistas porque sofremos esta contradição, e na medida em que a sofremos tratamos de reduzi-la ao mínimo possível. O dia em que chegássemos a nos adaptar ao ambiente, nos passaria naturalmente o desejo de transformação e nos converteríamos em simples burgueses: burgueses talvez sem dinheiro, mas não por isso menos burgueses nos atos e nas intenções. [Malatesta. Os fins e os meios. Comp. Vernon Richards.]

***

...uma metodologia participativa é a expressão da vida interna da classe. Sem lugar a dúvidas, existe uma ordem de determinação entre a participação das bases na tomada de decisões e a participação comprometida e combativa na execução das mesmas. Se as bases são constrangidas ao papel de auditório passivo e de testemunha muda das iniciativas alheias, se fica estabelecida uma diferenciação artificial, absurda e contraproducente entre "quadros" de decisão e "massas" de execução, bem pouco pode se esperar dessas "massas" que são invocadas. A gestação de uma consciência e uma vontade protagônica é uma exigência prioritária na medida em que aponta a subversão das raízes ideológicas que a burguesia tem se preocupado meticulosamente de injetar na classe trabalhadora. O embrutecimento, a indiferença, a passividade, o sentimento de inferioridade, o fatalismo e a obediência cega que o capitalismo administra com mentalidade empresarial, se desarraigam na ação quando esta nasce como a expressão e o reflexo de uma vontade coletiva exercitada e manifesta.

A reunião, em uma mesma metodologia de trabalho, da ação direta e a participação das bases define então o caráter das lutas dos trabalhadores, expressa sua luta sem quartel com o capitalismo e plasma inquestionavelmente a vitalidade de seus objetivos socialistas. Sobre esta base devem encaixar coerentemente outros elementos próprios de um estilo militante revolucionário. [FAU. Lucha Libertária 1984.]

LUTA PÚBLICA, POLÊMICA E PROPAGANDA.

A organização deve ser secreta ou pública?

Em linhas gerais a resposta não pode ser senão óbvia: deve ser feito em público o que convém que saibam todos e em segredo o que convém deixar oculto.

É evidente que para nós, que fazemos a propaganda para elevar o nível moral das massas e induzi-las a conquistar por si mesmas a própria emancipação, para nós que não nos propomos de nenhuma maneira o domínio pessoal e ou de uma seita, é conveniente, sempre que seja possível, dar a nosso trabalho a máxima publicidade para chegar com nossa propaganda e fazer partícipe de nossa ação a maior quantidade de gente possível.

Mas isso não depende só de nossa vontade, e é natural que se, por exemplo, um governo nos proibisse falar, imprimir, nos reunir, nos associar, e não tivéssemos a força necessária pra nos rebelar abertamente, trataríamos de falar, imprimir, nos reunir e associar de forma clandestina.

É sempre necessário aspirar a fazer tudo isto a luz do sol e lutar pela conquista de liberdades, recordando que a melhor maneira de obter uma liberdade consiste em tomá-la para si, enfrentando os riscos necessários, enquanto muitas vezes a liberdade se perde por culpa própria, por não utilizá-la ou fazer a coisa timidamente, dando a impressão de reconhecer que não temos o direito de fazê-la.

Mas podem existir circunstâncias e ações que requerem o segredo e, neste caso, seria necessário atuar em conseqüência.

A propaganda isolada, casual, que se faz muitas vezes para acalmar a própria consciência ou como simples desafogo da paixão em discutir, serve de pouco ou nada. O terreno é muito ingrato para que sementes lançadas ao azar possam germinar e deitar raízes.

É necessário um trabalho contínuo, paciente, coordenado, adaptado aos diversos ambientes e as distintas circunstâncias. Requer-se que cada um de nós possa contar com a cooperação de todos os demais, e que em todos os lugares onde se lance uma semente não falte o trabalho solícito do cultivador, que a cuide e proteja até que tenha se transformado em uma planta capaz de viver por si mesma e de produzir, por sua vez, novas sementes fecundas. [Malatesta. La propaganda anarquista. Comp. Vernon Richards.]

***

Recordo que a primeira vez que caíram em minhas mãos periódicos anarquistas, seu estilo, em lugar de me persuadir ofendia, e provavelmente não haveria chegado a ser nunca um anarquista sem mais que a leitura dos periódicos, se não houvesse aberto uma brecha em meu ânimo a discussão benévola com algum amigo e a atenta leitura dos folhetos e os livros.

Na polêmica e na propaganda, que é quando se trata de convencer e não de vencer, emprega uma linguagem mais violenta aquele que se encontra mais pobre de argumentos.

O objetivo da propaganda é persuadir, é necessário saber empregar uma linguagem apropriada.

Melhor seria que a violência estivesse nos argumentos e não na forma exterior da linguagem. Supõe por um instante que está fazendo propaganda em meio de um grupo de soldados não subversivos, ou de camponeses que saem da missa, ou de jovens patriotas e monárquicos: Dirá aqueles soldados o que pensa de seu ofício, aos camponeses que seu padre é um impostor e sua religião uma porcaria e aos jovens monárquicos que a monarquia é um lixo?

Não direi eu que em tal caso mentiríamos; muito pelo contrário. Com freqüência é necessário chamar as coisas e as pessoas por seu nome, mas é preciso que seja um instante propício e com razão. Indignar-se sempre, venha ou não em conta, todos os dias é pueril e se corre o risco de que os adversários não nos tomem a sério, habituando de tal modo os inimigos as palavras e frases grossas, que até para isto acabam perdendo toda eficácia.

Verdade é que às vezes, em tempo de calma, se impõe na propaganda e na polêmica, a palavra rude que açoita o rosto quando se tem diante um fato que indigna ou um adversário de reconhecida má fé. Mas a palavra áspera do protesto e da bofetada moral tem muito mais eficácia quando menos se emprega. Se a um adversário que apenas roça nossa sensibilidade ou ofende nossas ideias, lhe joga na cara todo o tinteiro das insolências sugeridas pelo seu ressentimento, o dia em que outro adversário verdadeiramente vil e de má fé o trate pior, então será impotente para os seus pés, posto que as palavras que dirá contra ele não terão valor se já as lançou contra outros por coisas de menos importância.

Na propaganda temos que procurar sempre fazer vibrar alguma corda da alma humana, e isto seria impossível se você habitua seu espírito ao maximum de violência. Nós temos necessidade imprescindível de comover. É este o modo de poder sinceramente chamar a atenção alheia sobre nossas razões.

É verdade que há instituições e pessoas com as quais não é possível sentir tolerância e contra as quais se tem o sacrossanto dever, como diz um poeta nosso, de combatê-las sem respeito e sem cortesia.

Quando se fala mal de um canalha temos que cuidar para não lhe atribuir atos que não tem feito, a fim de não lhe dar ocasião com nosso erro, de que faça protestos de bondade e honradez. Por incorrer demais nessa exageração, tem podido ter nascimento em nossos adversários, a irônica frase que diz: Chove? A culpa tem o governo!

A violência que, sobretudo, deploro, é aquela empregada contra outros partidos progressistas, mais ou menos revolucionários, pouco importa, que estão compostos de oprimidos e explorados como nós, de gente que como nós esta animada pelo desejo de mudar até um estado melhor a situação política e social presente. Aqueles partidos, que aspiram ao poder, quando a ele cheguem, indubitavelmente serão inimigos dos anarquistas, mas como isto está ainda longe de ser, como que sua intenção pode ser boa e muitos males dos que querem eliminar nós também queremos ver suprimidos, e como que temos muitos inimigos comuns e em comum teremos, sem dúvidas, que livrar mais de uma batalha, é inútil, quando não prejudicial, tratá-los violentamente, dado que por enquanto o que nos divide é uma diferença de opinião, e tratar violentamente alguém porque não pensa ou trabalha como nós é uma prepotência, é um ato anti-social.

Convence-se pouco o que se trata mal, isso é mais aplicável ainda em particular tratando-se de elementos assimiláveis: de operários, de jovens, de inteligências já despertas, de homens que já estão em caminho até a verdade. O choque da violência, ao contrário, longe de empurrar, os detém neste caminho, por reação.

Acostumamos-nos tanto a engrossar a voz sempre e em tudo, que vamos perdendo gradualmente o valor das palavras e sua relatividade. Os mesmos adjetivos depreciativos nos servem de igual modo para atacar de frente o padre, o monárquico, o republicano, o socialista e até o anarquista que não pensa como nós.

Eu penso que urge reagirmos contra estes métodos dolorosos e lamentáveis, e o único meio adequado me parece que será o de não recolher nunca os insultos, ou, em suma, limitar-se a marcar quem emprega semelhante linguagem do mesmo modo que marcamos aqueles que vem semear discórdia e confusão em nosso campo. A estes não convém dar a honra da discussão, e se nos vemos obrigados a discutir, jamais devemos imitar seu estilo nem descer a seu terreno, seja quando se trata de adversários mais ou menos afins, como quando se tratam de sedicentes companheiros.

...este dever de tratar com respeito as ideias e as pessoas que as sustentam, se impõe quando se discute com gente que não conhecemos e que vive longe de nós.

A mim me parece que os anarquistas não devemos fazer muitas distinções:

que o governo, seja monárquico, teocrático, socialista ou republicano, é para nós quase o mesmo e que devemos combatê-los todos.

Mas se alguma distinção deve ser feita, não devemos fazê-la precisamente em benefício dos piores.

Explicarei-me melhor. Se você é vítima de um acidente e, ao mesmo tempo, sofre de uma doença qualquer, seguramente, referindo-se ao segundo caso não dirá sério que é pior esta doença qualquer que um ataque paraplégico. Certamente, é preferível não sofrer de nenhuma das duas coisas, de acordo. Mas se alguma distinção deve ser feita, francamente, preferimos a doença qualquer. [Luigi Fabbri. Influências burguesas sobre o anarquismo 1918.]

***

Que entendo por consciência de partido?

Entendo algo mais que o fermento passional de uma ideia, que a genérica exaltação de ideais. Entendo o conteúdo específico de um programa partidário. Estamos desprovidos de consciência política no sentido que não temos consciência dos problemas atuais e continuamos difundindo soluções adquiridas em nossa literatura de propaganda. Somos utópicos e basta. Que tenha editores nossos que sigam reeditando os escritos dos mestres sem agregar nunca uma nota crítica demonstra que nossa cultura e nossa propaganda estão em mãos de gente que tenta manter em pé o próprio palanque em vez de empurrar o movimento a sair do já pensado para se esforçar na crítica, no que está por se pensar. Que haja polemistas que tentem engarrafar o adversário em vez de buscar a verdade demonstra que entre nós há maçons, em sentido intelectual. Agregamos os grafômanos para quem o artigo é um desafogo ou uma vaidade e teremos um conjunto de elementos que estorvam o trabalho de renovação iniciado por um punhado de independentes que prometem.

O anarquismo deve ser amplo em suas concepções, audaz, insaciável. Se quer viver e cumprir sua missão de vanguarda deve se diferenciar e conservar alta sua bandeira ainda que isto possa lhe isolar no restrito círculo dos seus. Mas esta especificidade de seu caráter e de sua missão não exclui uma maior incrustação de sua ação nas fraturas da sociedade que morre e não nas construções apriorísticas dos arquitetos do futuro. Assim como nas investigações científicas em que uma hipótese pode iluminar o caminho da indagação, ou ser descartada quando resulta falsa, o anarquismo deve conservar aquele conjunto de princípios gerais que constituem a base de seu pensamento e o alimento passional de sua ação, mas deve saber afrontar o complicado mecanismo da sociedade atual sem

óculos doutrinais e sem excessivos apegos a integridade de sua fé.

Eu entendo por anarquismo crítico um anarquismo que, sem ser cético, não se contente com as verdades adquiridas, com as fórmulas simplistas; um anarquismo idealista e ao mesmo tempo realista; um anarquismo, em definitivo, que enxerte verdades novas no tronco de suas verdades fundamentais, que saiba podar os ramos velhos. [Camillo Berneri. Pagine Libertaire 1922.]

UNIR-SE PELA LUTA.
Solidariedade e independência de classe.

Tenho dito e repetido que por cima de nossas recíprocas diferenças é possível uma união de intenções revolucionárias para conseguir um resultado verdadeiro e durável, que permita a sério que o proletariado conquiste bem estar e liberdade.

Se pudessem fazer a revolução só os anarquistas, ou os socialistas por sua conta, poderíamos nos dar o luxo de proceder cada um por si, e até de pelear entre nós. Mas a revolução a fará todo o proletariado, o povo inteiro, do qual os socialistas e os anarquistas são numericamente uma minoria. Dividir-nos inclusive onde poderíamos estar unidos significaria dividir o proletariado, ou então enfraquecer sua simpatia, fazê-lo menos proclive a seguir a direção amplamente socialista comum, que socialistas e anarquistas juntos poderiam fazer triunfar no seio da revolução.

Mas nas "alianças revolucionárias" alguém resulta sempre "traído". É possível, mas preferimos o risco de uma traição dos outros, muito mais do que nos trair esgotando-se na inação. [Malatesta. Los anarquistas y los límites de la coexistencia política. Comp. Vernon Richards.]

***

Os fundadores da Associação Internacional dos Trabalhadores trabalharam com muita sabedoria ao evitar colocar princípios políticos e filosóficos como base desta associação. Primeiro deram por único fundamento a luta exclusivamente econômica do trabalho contra o capital. Eles tinham a certeza que enquanto um operário pisa este terreno, toma confiança tanto em seu direito como em sua força numérica, se compromete com seus companheiros de trabalho em uma luta solidária contra a exploração burguesa. Assim ele será necessariamente levado pela força mesma das coisas e pelo desenvolvimento dessa luta a reconhecer pronto todos os princípios políticos, socialistas e filosóficos da Internacional. Princípios que não são, com efeito, nada mais que a justa exposição de seu ponto de partida, de seu fim.

Necessariamente tiveram que buscar uma base comum, uma série de princípios simples a respeito dos quais todos os operários - fossem quais fossem suas idéias políticas e religiosas, contanto que se tratasse de operários sérios, quer dizer, de homens duramente explorados e sofredores – estivessem de acordo. Se houvessem desfraldado a bandeira de algum sistema político ou anti-religioso, longe

de reunir a todos os operários da Europa, os dividiriam mais ainda. Se por acaso a simples palavra ateísmo houvesse sido incluída no estandarte da Internacional haveria podido a Associação reunir em seio sequer duas centenas de aderentes? Todo mundo sabe que não.

Expor tal programa como próprio da Internacional, fazer dele uma condição absoluta de ingresso nesta Associação, seria querer organizar uma seita, não uma associação universal, seria matar a Internacional.

O que teve que fazer a Internacional? Teve primeiro que separar as massas operárias de toda política burguesa, teve que eliminar de seu programa todos os programas políticos burgueses. Mas, na época de sua fundação, não havia no mundo outra política que a da Igreja ou da monarquia, ou da aristocracia, ou da burguesia. A da burguesia radical era sem dúvidas a mais liberal e mais humana que as outras, mas se fundava igualmente na exploração das massas operárias e não tinha na realidade outro fim que competir pelo monopólio de dita exploração. A Internacional teve, pois que começar a preparar o terreno, e como toda política, do ponto de vista da emancipação laboral, se encontrava então mesclada com elementos reacionários. Deveu primeiro rechaçar de si mesma todos os sistemas políticos conhecidos, para poder fundar, sobre estas ruínas do mundo burguês, a verdadeira política dos trabalhadores, a política da Associação Internacional. [Bakunin. A política da Internacional 1869.]

***

Os anarquistas nos sindicatos deveriam lutar para que estes permaneçam abertos a todos os trabalhadores qualquer que sejam sua opinião e partido, somente com a condição da solidariedade na luta contra os patrões; deveriam opor-se ao espírito corporativo e a qualquer pretensão de monopólio da organização e do trabalho. Deveriam impedir que os sindicatos sirvam de instrumentos a politiqueiros para fins eleitorais ou outros propósitos autoritários, e praticar e predicar a ação direta, a descentralização, a autonomia; deveriam se esforçar para que os organizados aprendam a participar diretamente na vida da organização e a não ter necessidade de chefes e de funcionários permanentes.

Isto não quer dizer que desejamos pôr o movimento operário ao serviço de nosso partido.

No estado atual das coisas queremos que o movimento operário, aberto a todas as propagandas ideológicas e parte constitutiva de todos os fatos da vida social, econômicos, políticos e morais, viva e se desenvolva livre de toda dominação dos partidos, tanto do nosso como dos demais. [Malatesta. Los anarquistas y los movimientos obreros. Comp. Vernon Richards.]

LINHA COMBATIVA QUE NÃO ENVEREDA PELO REFORMISMO.

Linha combativa que não envereda pelo reformismo.

Há, e sempre houve em todas as lutas político-sociais, duas posturas que debilitam e letargiam as forças.

Existem os que pensam que nunca há uma maturidade suficiente, que se pretende demasiado, que temos de esperar e contentar-se com avançar pouco a pouco, à força de pequenas e insignificantes reformas que são obtidas e se perdem periodicamente sem resolver nada nunca.

E estão os que simulam desprezo pelas coisas pequenas, e pedem que ninguém se mova se não é para obter tudo e que, ao propor coisas talvez belíssimas mas impossíveis de realizar por falta de forças, impedem, ou tratam de impedir, que se faça pelo menos o pouco que se pode fazer.

Para nós a importância maior não reside no que se consegue, pois conseguir tudo o que queremos, a anarquia aceita e praticada por todos, não é coisa de um dia nem um simples ato insurrecional. O importante é o método com o qual se conquista o pouco ou o muito.

Se para obter melhoras na situação se renuncia ao próprio programa integral e cessamos de propagá-lo e de combater por ele, e se induz as massas a confiar nas leis e na boa vontade dos governantes, mais do que em sua ação direta, se sufocamos o espírito revolucionário, se cessamos de provocar o descontentamento e a resistência, então todas as vantagens resultarão enganosas e efêmeras e em todos os casos cortarão os caminhos do porvir.

Mas, se ao invés, não esquecemos o propósito final que se persegue, se suscitamos as forças populares, provocamos a ação direta e a insurreição, ainda que se consiga pouco pelo momento teremos dado sempre um passo adiante na preparação moral das massas e na realização de condições mais favoráveis. [Malatesta. Os fins e os meios. Comp. Vernon Richards]

***

A luta por objetivos imediatos não é por si mesma incorreta; pelo contrário. Quanto mais precisos, mais concretos e mais compreensíveis para a gente sejam os motivos de uma luta (plataforma imediata), mais possível será promover a ação popular e sindical e assim criar consciência sobre os temas de fundo (o programa).

Tudo depende do objetivo que se tenha, e, portanto, do método que se aplique. Não é reformismo lutar por objetivos imediatos. Como não é tática revolucionária aconselhável "preparar-se" sem atuar nas coisas de todos os dias. Neutralizar-se até que "venha a revolução" (que assim não virá nunca).

Por outro lado, verbalmente pode ser postulado o programa mais completo, a nível nacional e internacional, e ainda ser um contumaz reformista, quando se crê e se ensina que o método para conquistar esse programa é um método legalista, parlamentar, eleitoral... O que diferencia um reformista de um revolucionário é, fundamentalmente, o método; basicamente relacionado com o que cada um quer. O reformista tem uma estratégia para perdurar dentro do sistema, construindo um grupo de pressão para obter mudanças pacíficas e legais dentro do sistema. O revolucionário, pela ação direta popular processa lutas, livra a batalha ideológica, para criar assim as condições para a forja revolucionária do poder popular.

Uma estratégia para a luta prolongada implica escalonar paralela ou sucessivamente, distintos tipos de ações em variados níveis.

O fundamental é o desgaste das forças do inimigo e a acumulação de forças próprias. No plano popular organizativo, como em qualquer plano que coloque o enfrentamento, de acordo com os níveis que este tenha adquirido. Dado que a luta tem de ser previsivelmente dura e prolongada, deve se atuar intensamente desde agora. E atuar durando mais que o inimigo.

A oposição que nos importa, a oposição que faz resistência, cria condições de cambio, é uma oposição extra-parlamentar, que tem como método a ação direta. Nunca tem sido eficazes para resistir à opressão, frear o fascismo, ou fazer a revolução, os métodos por essência conservadores.

As "frentes amplas" de tipo eleitoral, com uma prática que reserva ao povo um papel de comparsa, que o pretende constranger à ação indireta de mero apoio a "tarefa central" que se reserva para uma minoria de políticos profissionais dedicados a criar a oposição parlamentar, esse projeto não tem decidido nunca o rumo da história.

Nosso caminho é o caminho da ação direta. Ação direta de todo o povo, que assim adquire real medida de seu poder, se faz cada vez mais forte, forja sua consciência política e sua organização. Ação direta atuando dentro do povo, promovendo o processamento de fatos sociais, livrando batalha ideológica, dinamizando. O grande motor da luta de todo o povo, e o pequeno motor da Organização, são aspectos inseparáveis de um mesmo caminho para criar as condições da liberdade e o socialismo. [FAU. Rojo y Negro 1968.]

TÁTICA E DISCIPLINA LIBERTÁRIA.

Por mais inimigo que seja daquilo que na França chamam de disciplina, no entanto reconheço que uma certa disciplina, não automática, mas voluntária e refletida, e estando perfeitamente de acordo com a liberdade dos indivíduos, continua a ser e sempre será necessária, todas as vezes que vários indivíduos, livremente unidos, empreenderem um trabalho ou uma ação coletiva qualquer. Esta disciplina não é senão a concordância voluntária e refletida de todos os esforços individuais para um objetivo comum. No momento da ação, no meio da luta, os papéis dividem-se naturalmente, segundo as aptidões de cada um, apreciados e julgados por toda coletividade: uns dirigem e ordenam, outros executam as ordens. Mas nenhuma função se petrifica, se fixa e fica irrevogavelmente ligada a nenhuma entidade ou pessoa. A ordem e a promoção hierárquica não existem, de modo que o comandante de ontem pode tornar-se o subalterno de hoje. Ninguém se eleva acima dos outros, ou se se eleva, não é senão para cair logo a seguir, como as ondas do mar, voltando sempre ao nível salutar da igualdade.

Neste sistema já não há propriamente poder. O poder baseia-se na coletividade, e torna-se a expressão sincera da liberdade de cada um, a realização fiel e séria da vontade de todos; só obedecendo cada um de per si, ao chefe do dia, este só ordenará o que ele próprio quer. Eis a disciplina verdadeiramente humana, a disciplina necessária à organização da liberdade. [Bakunin. O Império Knuto-Germânico e a Revolução Social 1870-1871.]

***

Compreendo a disciplina revolucionária como uma autodisciplina do indivíduo, estabelecida num coletivo atuante, de modo igual para todos, e rigorosamente elaborada.

Ela deve ser a linha de conduta responsável dos membros desse coletivo, induzindo a um acordo estrito entre sua prática e sua teoria.

Sem disciplina na organização, é impossível empreender qualquer ação revolucionária séria. Sem disciplina, a vanguarda revolucionária não pode existir, porque então ela se encontrará em completa desunião prática e será incapaz de formular as tarefas do momento, de cumprir o papel de iniciador que dela esperam as massas.

Porque os anarquistas "de todo estilo e de todas as tendências" não representavam, mesmo em seus grupos específicos, um coletivo homogêneo, com uma disciplina de ação bem definida, não puderam suportar o exame político e

estratégico que lhes impuseram as circunstâncias revolucionárias. [N. Makhno. Dielo Trouda 1926.]

***

Considero, pois, que a disciplina, a coordenação e a realização de um plano, são coisas indispensáveis. Mas tudo isso não pode ser interpretado segundo os critérios que estavam em uso no mundo que estamos destruindo. Temos que construir sobre bases novas. Segundo penso, e segundo meus companheiros, a solidariedade entre os homens é o melhor incentivo para despertar a responsabilidade individual que sabe aceitar a disciplina como um ato de autodisciplina.

A guerra se impõe, e a luta que deve regê-la difere da tática que temos aplicado para ganhar, mas a finalidade de nosso combate é o triunfo da revolução. Isto significa não somente a vitória sobre o inimigo, mas que ela deve ser obtida por uma mudança radical do homem. Para que esse cambio se opere é preciso que o homem aprenda a viver e conduzir-se como um homem livre, aprendizagem em que se desenvolvem suas faculdades de responsabilidade e de personalidade como dono de seus próprios atos. O operário no trabalho não somente muda as formas da matéria, senão que também, através dessa tarefa, modifica a si mesmo. O combatente não é outra coisa que um operário utilizando o fuzil como instrumento, e seus atos devem conduzir ao mesmo fim que o operário. Na luta não pode se comportar como um soldado que lhe mandam, mas como um homem consciente que conhece a transcendência de seu ato. Já sei que obter isto não é fácil, mas também sei que o que não se obtém pela ponderação não se obtêm tampouco pela força. Se nosso aparato militar da revolução tem que sustentar-se pelo medo, ocorrerá que não teremos mudado nada, salvo a cor do medo. É somente libertando-se do medo que a sociedade poderá edificar-se na liberdade. [B. Durruti. 1936]

AÇÃO DIRETA EM TODOS OS NÍVEIS.

Sem dúvida é muito desejável que possam conservar a organização pública e legal das seções da Romania e outras que constituem o *Fascio operaio*. Mas se as perseguições governamentais lhes obrigam a dissolvê-las como organizações públicas, estarão forçados a transformá-las em organizações secretas, a não ser que se condenem você e todos seus amigos e sua própria causa a um acomodamento completo. (...) Direi mais, inclusive no caso em que logrem, a força da luta enérgica e hábil, salvar a existência de suas seções públicas, penso que cedo ou tarde conseguirão compreender a necessidade de fundar no meio delas *nuclei* [núcleos] compostos dos membros mais seguros, mais entregados, mais inteligentes e mais enérgicos, em uma palavra os mais íntimos. Esses núcleos íntimamente vinculados entre si e com os núcleos similares que se organizam ou que irão se organizando nas outras regiões da Itália e do estrangeiro, terão uma dupla missão. Primeiro formarão a alma inspiradora e vivificante desse imenso corpo que se chama a Associação Internacional dos Trabalhadores na Itália como em outras partes, e logo se ocuparão das questões que é impossível tratar publicamente. Formarão a ponte necessária entre a propaganda das teorias socialistas e a prática revolucionária. Para homens tão inteligentes como você e seus amigos, creio ter falado o bastante. [Bakunin. Carta a Celso Cerreti 1872]

***

São as massas as que fazem a revolução, mas as massas não podem prepará-la tecnicamente. Fazem falta os homens, os grupos, os partidos, ligados por livres pactos, comprometidos ao segredo, de posse dos meios necessários que podem criar essa rede de comunicações rápidas indispensáveis para o rápido conhecimento de todos os fatos suscetíveis de provocar um movimento popular e sua rápida propagação. E quando dizemos que a organização revolucionária deve ser uma organização específica construída fora dos partidos oficiais é porque estes tem outras tarefas que excluem o segredo necessário para as coisas ilegais, mas é também, sobretudo, porque não temos confiança na vontade revolucionária dos partidos afins a nós, tal como estão hoje constituídos. [Malatesta. La revolución. Comp. Angel Capelletti.]

***

O sistema capitalista não será destruído seguindo as regras do jogo que ele mesmo gera para garantir sua continuidade. Essa continuidade é a que contribui para manter quem se reduz a fazer só o que a legalidade burguesa permite, ou seja, só o que a legalidade criada e manejada pela burguesia recomenda que se faça.

Concebemos a luta armada como aspecto fundamental da prática política de um partido clandestino, que atua também com base em uma estratégia harmônica e global a nível de massas. Uma organização é realmente revolucionária se coloca para si e resolve o problema do poder, e o problema do poder só se resolve com uma adequada linha de prática da violência. A demonstração em suma de que só haverá socialismo com revolução, ou seja, com destruição violenta do Estado burguês.

A atividade armada se orientou até hoje, predominantemente, através da concepção foquista. Com esta concepção discordamos desde o princípio, vimos e assinalamos suas debilidades, fizemos o possível para que elas fossem superadas, orientamos nossa prática segundo outra linha.

O foquismo não concebe a revolução como um processo de lutas, onde as massas através da experiência de sua participação nestas lutas, fecundada pela ação político-ideológica do partido revolucionário que as orienta, vão desenvolvendo sua consciência revolucionária de classe, até destruir revolucionariamente o poder burguês. O foquismo concebe a revolução como um processo de lutas militares, paralelo à luta de massas, com as quais pouco ou nada tem a ver. Processo através do qual uma minoria armada gera, ao operar, conjunturas que terminam encurralando as massas independentemente da vontade delas, até obrigá-las a aceitar um desenlace revolucionário que poria no poder aquela minoria armada.

Em definitivo a guerrilha urbana, se de revolução social se trata, parece ter como função idônea preparar o salto, o trânsito qualitativo para outra forma de luta através da qual se pode, aí sim, alcançar a vitória decisiva no marco da guerra em âmbito urbano, é a insurreição. A guerrilha urbana, cremos portanto, só se legitima como preâmbulo e preparação necessária e imprescindível da insurreição. Processo insurrecional que, obviamente, pode assumir formas diversas, mas que implica sempre uma participação de setores de massas de certo volume. É impossível conceber uma insurreição sem participação de massas. O critério que se deve sustentar nesta matéria não é plebiscitário, não é eleitoral. Não é necessário esperar que a metade mais um dos habitantes de uma cidade decidam levantar-se em armas para fazer uma insurreição. Isto que pode parecer óbvio, cabe sem dúvida ser especificado, porque frequentemente, talvez pelo peso da própria ideologia eleitoralista que as classes dominantes introduzem no proletariado, se

tende a supôr ou a conceber um processo insurrecional como uma espécie de mobilização plenária ou pouco menos, das massas.

Ao nosso ver, qualquer forma de ação insurrecional pressupõe, necessariamente, uma prática militar prévia e a existência de um aparato militar clandestino previamente organizado com suficiente capacidade operativa e suficiente experiência para canalizar, enquadrar e levar a bom termo um processo insurrecional.

A concepção insurrecional da destruição do poder burguês exige o trabalho nos dois níveis: no nível de massas para criar as condições políticas da insurreição; no nível armado para criar o aparato armado que, previamente à insurreição, estruture os seus quadros e seja o elemento de choque, de ruptura do processo insurrecional. [FAU. El Copey 1972.]